



DINÂMICAS DA EXPRESSÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE O MOVIMENTO NO CORPO DIFERENTE

Rosângela Bernabé*

Resumo – A dança é fruto da necessidade de expressão da pessoa e se liga ao que há de básico na natureza humana como sentimentos, desejos, realidades, sonhos, traumas. Falemos, porém, da linguagem do movimento quando este pode habilitar a pessoa com deficiência na retomada de seu leque de sensações, da dança como instrumento facilitador da percepção de que o indivíduo faz parte finalmente – ou novamente – de uma sociedade. Seria uma proposta paradoxal? Se fecharmos os olhos e visualizarmos uma pessoa numa cadeira de rodas e em movimento, a imagem que se delinea é de alguém sentado e outra pessoa atrás, empurrando. Direcionemos o foco ao desejo comum de retornar à posição de pé como solução ideal para quem não anda com as próprias pernas; se nos remetermos à teoria da evolução, concluiremos sem esforço que a verticalidade vem sendo conquistada arduamente ao longo de milhões de anos para ser trocada facilmente pela posição sentada e, se não pensarmos duas vezes, a deficiência pode até ser responsabilizada pela dificuldade de fruição da pessoa. O movimento parece ser antagonico na presença de uma lesão e, talvez por isso, imaginar alguém em sua cadeira de rodas num palco, dançando, seja tão difícil. O trabalho com a dança e seus elementos transforma a cena e a imagem que o estigma da deficiência imprimiu ao longo dos séculos. No Brasil, o último censo desenhou uma população de 14% como portadores de alguma deficiência. Ora, se uma lesão “confisca” o movimento músculo-articular de pequena ou grande parte do corpo, não será difícil calcular o conjunto que “anima” o corpo dessa população. Acrescentemos a esses dados as barreiras arquitetônicas mais banais encontradas em todos os lugares. A “paralisia emocional” que se revela; vista de fora ou experimentada, é muito mais contundente e abrangente do que a dificuldade motora imposta por qualquer lesão. A dança e seus elementos se transformam em pontes de acesso, cujas larguras, alturas, comprimentos e condições serão determinadas por quem nelas transitar. O passaporte para o movimento desejado é o próprio gesto. Até abril de 1988, ainda não havia experiência acadêmica registrada com o trabalho de dança em cadeira de rodas no Brasil. Um olhar retrospectivo de avaliação da evolução desses 25 anos de implantação do movimento da dança junto a pessoas com deficiência no Brasil nos mostra corpos – porque não dizer – mais saudáveis, decididos, corajosos, expostos ao calor tropical, disponíveis ao movimento da vida, aos olhares de cima para baixo. Parece que a vocação dançante do povo brasileiro não

* Mestre em Atividade Motora, Adaptação e Saúde pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora na Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e nas Faculdades Integradas Maria Thereza (Famath). E-mail: r.borboleta@gmail.com

se rendeu à paralisia que o estigma da deficiência impõe. É um grande exercício descobrir que o que nos faz semelhantes é justamente nossas diferenças. Mais do que se apresentar para uma plateia trata-se de subir no palco da própria vida, estar no comando do próprio corpo e se dar o prazer de se ver e se sentir em movimento, dentro de um teatro ou lá fora, atuando na vida real.

Palavras-chave: Elementos da dança. Deficiência. Reabilitação. Equilíbrio. Inclusão social.

A dança é fruto da necessidade de expressão da pessoa e se liga ao que há de básico na natureza humana: sentimentos, desejos, realidades, sonhos, traumas, através das formas mais diversas.

Quantas vezes a dança é utilizada para contar, ilustrar, representar e localizar a história de um povo, de uma civilização, de uma época? São indubitáveis sua importância e significação.

Falemos, porém, da linguagem do movimento quando este pode habilitar a pessoa com deficiência na retomada de seu leque de sensações, da dança como instrumento facilitador da percepção de que o indivíduo faz parte finalmente – ou novamente – de uma sociedade. Nossas imaginação e lembrança logo se colocam atentas buscando registros internos e externos que justifiquem a proposição. Seria uma proposta paradoxal? A memória nos fala que um corpo contemplado para a dança é próximo e pleno de todos os seus mais precisos movimentos. A imagem quase imediata que nos vem à cabeça é de uma pessoa realizando um salto, piruetas espetaculares, mostrando toda sua elasticidade e destreza.

Que boas-novas podemos retirar do longo tempo de permanência do ser humano no mundo que experimenta? Aqui, podemos abrir espaço a uma breve reflexão sobre a imagem do corpo com uma deficiência, imagens que trazemos impressas na mente, buscando, assim, algumas referências que se ajustem à ideia inicial.

Por um instante, fechemos os olhos e visualizemos uma pessoa com deficiência, numa cadeira de rodas, e em movimento. A imagem mais rápida que se delinea é de alguém sentado e outra pessoa atrás empurrando. Podemos até vislumbrar uma cadeira motorizada, mas dificilmente imaginaremos essa pessoa rodopiando livre e levemente, descendo de sua cadeira, dançando...

Se o céu é límpido como o de brigadeiro para viagens, incluamos no roteiro a palavra "mobilidade", que declara o corpo, como móvel, apto ao gesto pensado, desejado, sentido, sem maiores impedimentos. E a palavra "motilidade", que fala do movimento que acontece no nível celular, melhor dizendo, de um potencial de movimento; olhamos para um bebê e sabemos que ele cresce quase que a olhos vistos, suas células estão em pleno desabrochar de crescimento.

Juntemos essas ideias e direcionemos o foco ao ponto que desejamos iluminar, que está relacionado ao desejo comum de retornar à posição de pé como solução ideal para quem não anda sobre as próprias pernas; se nos remetermos à teoria da evolução, concluiremos sem

esforço que a verticalidade vem sendo conquistada arduamente ao longo de milhões de anos, para ser trocada facilmente pela posição sentada, e se não pensarmos duas vezes a deficiência pode até ser responsabilizada pela impossibilidade de fruição da pessoa. O movimento parece ser antagonico na presença de uma lesão e, talvez por isso, imaginar alguém em sua cadeira de rodas num palco, dançando, seja tão difícil, da mesma maneira que, mesmo sabendo do potencial de movimento existente em cada corpo, não vemos a motilidade, não vemos o bebê crescer.

O trabalho com a dança e seus elementos vem para transformar a cena e a imagem que o estigma da deficiência imprimiu e ainda imprime, em muitas culturas pelo mundo afora, ao longo dos séculos.

No Brasil, o último censo desenhou uma população de 14% como portadores de alguma deficiência. Ora, se uma lesão "confisca" o movimento músculo-articular de pequena ou grande parte do corpo, calculemos aqui o conjunto que "anima" o corpo dessa população.

Lembre-mo-nos de que os sentimentos, desejos, sonhos e traumas, que podem ser expressos pela dança, continuam lá na moldura do corpo lesado, aprisionados, nesse caso. São barreiras invisíveis aos olhos menos atentos, mas fazem parte do todo resultante que nos tornamos ou somos, sentimos e experimentamos e que pode tomar uma "carona" para vir à tona através da expressão dançante.

Se propusermos pensar o corpo numa perspectiva coevolutiva de troca de informação com o meio, isto é, como resultado coevolutivo da sua relação com o ambiente, o corpo como sendo mídia, processo constante, permanente e transitório de acomodamento de trocas inestancáveis com o ambiente. Se aceitamos essa proposta e a somamos ao conceito de dança aqui levantado inicialmente, avançamos então em direção a um conceito, subsequente e focalizado, de que a dança faz parte da imagem corporal do povo brasileiro. Lembremo-nos do carnaval, do rico folclore, do gingado que parece ser nossa marca registrada e, até mesmo, da miscigenação que caracteriza nosso desenho corporal.

Se foi aceito o convite à viagem, se a imaginação tem acompanhado os desdobramentos que as palavras incitam, por paradoxal que seja, acrescentemos a esses dados as barreiras arquitetônicas mais banais encontradas em todos os lugares: escadarias, portas estreitas, rampas com angulação acima do permitido, espaços públicos sem acesso, como teatros com acesso somente até a plateia e quase nunca ao palco e camarins e outras tantas. Como olhar e decifrar essa faceta do cristal que gira à luz?

Esse "cenário" foi montado para dar lugar à dedução de que uma "paralisia emocional" que se revela, vista de fora ou experimentada, é muito mais contundente do que a dificuldade motora imposta por qualquer lesão. O campo de ação da dança, proposta dessa perspectiva, torna-se bastante abrangente e é verdade que a subjetividade e a complexidade se colocam na mesma proporção quando trazemos à luz tais filigranas.

É claro que existem outras formas onde essa paralisia se reverbera, por exemplo, pelos termos que ainda hoje vemos e ouvimos das pessoas e dos veículos de comunicação como: "paralítico", "preso ou condenado a passar o resto da vida numa cadeira", "aleijado", só para citar alguns.

Acreditamos e constatamos que essa linguagem está sendo repensada e transformada, aqui em nosso país, tanto através de soluções quantitativas como qualitativas. Ao compreender a dança como um processo que inclui a pessoa com deficiência no corpo social, estamos falando de uma abrangência interna e externa num território muito mais amplo do que aquele ocupado pelo corpo em uma cadeira de rodas e que, obviamente, varia de indivíduo para indivíduo.

A dança e seus elementos ganham um caráter instrumental valioso, pois se transformam em pontes de acesso, cujas larguras, alturas, comprimentos e condições serão determinados por quem nelas transitarem. Elementos como ritmo, coordenação, equilíbrio, dentre outros, fazem parte da vida e, portanto, são os elos com o que se deseja habilitar.

O movimento dançante de que falamos e propomos é um processo que inclui princípios básicos que visam estruturar o corpo de maneira que o indivíduo construa ou reconstrua uma imagem inteira de seus ossos, músculos e articulações, e cuja identidade de movimento se faça através da utilização do potencial remanescente. Ou seja, aprender através das dificuldades invocadas pela lesão, com uma linguagem gestual recriada a partir da releitura do corpo diferente.

Com ou sem atropelos, o corpo pode construir, organizar e transformar seus limites em fronteiras. O passaporte para o movimento desejado é o próprio gesto já reconhecido, internalizado e festejado. O indivíduo pode, utilizando o espaço aberto pela leveza que a dança proporciona, convidar o corpo a rever os mitos, refazer seus caminhos próprios, íntimos, para criar o momento apropriado ao encontro consigo mesmo, o que pode se dar ao mesmo tempo em que se retiram de cena traumas, complexos ou mitos impostos por informações imprecisas sobre o corpo.

Em outras palavras, a pessoa pode reconhecer e substituir a fantasia que a amedronta no instante em que experimenta o movimento no chão, na cadeira, na velocidade de um giro ou no silêncio mágico criado entre um gesto e outro, breve que seja, até aquele entre um desequilíbrio e a recuperação do ritmo, numa frase musical. São instantes que trazem de volta o brilho do olhar e podem reinscrever trajetórias que dizem respeito tanto ao conceito de imobilidade imposto ao corpo diferente, quanto àquele que traduz sua forma de estar no mundo.

Até abril de 1988, ainda não havia experiência acadêmica registrada com o trabalho de dança em cadeira de rodas no Brasil. Havia as atividades físicas voltadas para o esporte de competição ou não.

Para os que desejavam colocar o corpo em movimento pela lente da dança, esta que poderia representar a habilitação que os colocaria entre os que retomam a vida dita normal

ainda não estava disponível. Provavelmente não acreditavam, nem de um lado nem de outro, que aquele corpo diferente fosse capaz de executar algo dito exclusivamente destinado a quem se coloca sobre os pés e de sapatilhas, havia a opção de continuar frequentando os centros de reabilitação, mesmo já tendo concluído o tempo para tal, de permanecer em casa, de substituir os sonhos e desejos escolhendo alguma atividade que estivesse sendo oferecida.

Um olhar retrospectivo de avaliação da evolução desses 25 anos de implantação do movimento da dança junto a pessoas com deficiência no Brasil nos mostra corpos – por que não dizer – mais saudáveis, decididos, corajosos, expostos ao calor tropical, disponíveis ao movimento da vida, aos olhares de cima para baixo.

Parece que a vocação dançante do povo brasileiro não se rendeu à paralisia que o estigma da deficiência impõe, ao terem contato com a dança é como se os corpos descobrissem que o “jogo de cintura!” não foi lesado. Com isso não são necessárias novas definições para a dança, o corpo diferente combina sim com a magia e a dinâmica do gesto dançante.

O resultado não é igual para todos. Para a cultura brasileira ou mundial, é o aprendizado com a diferença, a rica diversidade, assim como as etnias existentes, os diferentes climas, recortes geográficos, costumes, cores, animais, que existem no Brasil e no mundo.

Os gestos diferentes que enfeitam as telas de televisão, as fotos indescritíveis que se estampam nos jornais e revistas provocam uma revisão de como vamos nos referir, olhar e de como traduzir o que sentimos a propósito desse corpo diferente e transformado pela mesma lente que o aprisionava.

É um grande exercício descobrir que o que nos faz semelhantes é justamente a diferença. Mais do que se apresentar para uma plateia, trata-se de subir no palco da própria vida, estar no comando do próprio corpo e se dar o prazer de se ver e se sentir em movimento, dentro de um teatro ou lá fora, atuando na vida real.

Os depoimentos que se seguem poderão ratificar as conclusões sugeridas:

A partir do meu contato com a dança, meu corpo tomou posse de movimentos que desconhecia e sequer imaginava poder explorar. Hoje, já trago impressa em mim uma música que percorre silenciosa os meus gestos, que traz a dança que me faz dançar, a dança que me faz criar, a dança que me faz andar.

Andar sobre minhas rodas, sobre o resgate da minha verticalidade, andar quando me aproprio do direito de ir e vir, de estar erguida sobre o meu desejo de mover a vida. Meu desejo de estar, de me fazer incluir, antes em mim e depois no mundo.

Mas um mundo mais saudável, mais justo, menos segmentado, mais de todos do que de algumas partes. A dança faz parte de um processo de mudança, de transformação, que trata da inclusão naturalmente, delicadamente, como na verdade deveria ser nosso gesto para o outro, para o mundo (Beth Caetano, bailarina tetraplégica).

Tenho 31 anos, sou paraplégica há 27 e danço há 25 anos. A dança entrou na minha vida, inicialmente apenas como a realização de um desejo de menina que aos seis anos teve vontade de ser bailarina, sem planos futuros ou maiores pretensões. Só que junto às aulas onde contava pequenas histórias com meu corpo, marcava os ritmos e fazia pequenas combinações de movimentos, foi surgindo algo muito maior e nem sempre tão perceptível, que ressoou em toda a minha vida. No meu caso, essas mudanças serviram, não para me inserir no social, pois nunca me senti excluída, mas para me lembrar constantemente que continuava na sociedade, só que de forma diferente, sentada em minha cadeira de rodas, que me levaria a todos os lugares e me possibilitaria fazer o que quisesse.

Também obtive ganhos em relação ao meu corpo (mais equilíbrio, flexibilidade, autoconhecimento, maior domínio, movimentos mais amplos, mais agilidade com a cadeira – que é parte integrante deste novo corpo). E como não é possível separar o pessoal do social, essas transformações não foram isoladas, ecoaram, por exemplo, em minha disponibilidade emocional diante de situações difíceis de lidar e ajudam a me posicionar, demonstrando para todos – através das minhas atitudes – que uma pessoa com uma deficiência tão aparente também estuda, pode trabalhar e se divertir.

Cada vez mais, tenho certeza de que a dança continua me trazendo benefícios, alguns mais explícitos, outros menos. Mas isso, eu entendo como uma troca, na qual entrego meu corpo à dança e ela me retribui sendo uma das responsáveis pela minha felicidade (Renata Carvalho, psicóloga).

Objetivando nortear os interessados nas questões relativas às partes específicas do trabalho, destacamos a seguir e resumidamente as bases teóricas, os princípios básicos, metodologia e alguns aspectos importantes da aplicação e bibliografia de apoio e consulta.

BASES TEÓRICAS

Dos muitos autores pesquisados, alguns continuam alimentando e facilitando a compreensão filosófica, três permearam a sustentação teórica tão procurada.

1. O método Laban, com quatro componentes do movimento (força, tempo, espaço e fluência), o ritmo e a harmonia.
2. A Dançaterapia de Maria Fux com a contribuição da variedade dos recursos como chave para ler nas entrelinhas, sua experiência com as pessoas com deficiência visual e auditiva e sua criatividade.
3. A Eutonia, que basicamente orientou na harmonização do tônus, no trabalho de conscientização corporal e do movimento, o tato e o contato via pele, dando unidade e bem-estar.

Da tríade surgiram os três princípios básicos

1. A Estrutura – Que aborda o arcabouço corporal, o papel dos ossos, articulações, músculos e pele. O corpo como presença que comunica, um território, um volume vivo que torna presentes as peças ausentes pela inatividade.
2. A Identificação – Que aborda a liberdade de responder aos estímulos do entorno, ligando o sentir ao expressar, o que permite a expressão cada vez mais genuína.
3. A Linguagem – Que aborda o gesto próprio, que dá nome ao corpo, amplia a segurança para que o gesto tenha a personalidade de seu executor.

Os princípios básicos nortearam as seis etapas de ensino

1. O contato com os pares do grupo.

Nessa primeira etapa o objetivo é ver como a pessoa se entrosa com o grupo. É importante observar: as sequelas físicas que apresenta, os potenciais remanescentes e a qualidade de seu movimento, como ele lida com as órteses ou próteses, se as tiver, quais as expectativas que demonstra ter sobre a dança, quais as características de sua personalidade e o relacionamento com os do grupo, inclusive com a pessoa que o acompanha.

2. O "tato e o contato" com a cadeira de rodas.

Objetivo: Que a pessoa crie ou fortaleça seu sentido de unidade, de intimidade com seu veículo transformando-o em sua segunda pele ou no prolongamento do corpo. Aqui ele vai aprender a enfrentar os olhares de cima para baixo, os jargões habituais podem ser enfrentados com atitudes corporais; a transformar seus limites em fronteiras; a distribuir o peso corporal na cadeira percebendo o território e seus domínios, o espaço que o corpo ocupa, ele passa a manusear a cadeira com mais destreza a partir das experiências bem-sucedidas. Cria um ritmo de deslocamento, aprende a combinar direções e tensões para ser um jogo de pensamento e ação. Sente-se mais seguro e começa a desejar transformações e suas roupas, bem como seu veículo passam a ter mais cores, destreza, velocidade, harmonia, elegância. É o corpo promovendo o movimento, o corpo comunicando.

3. A descida da cadeira "O porto seguro".

Objetivo: Que a pessoa desça por si, com segurança, ciente do movimento, utilizando as aquisições da etapa anterior. Aí ela encontra dificuldades ligadas ao medo. Se a pessoa é sempre empurrada, não utiliza o direito de ir e vir, também vai aprender a lidar com seu tônus, com as sensações corporais provocadas pela mudança de nível até o chão, faz contato com a fluência e espontaneidade. Descobre como descer de seu "porto seguro" reforça sua confiança, os elos entre as etapas e descobre como adapta sua condição de movimento à atividade que está sendo proposta.

4. O corpo no chão "transformando o peso".

Objetivo: Que a pessoa seja capaz de utilizar o corpo para se locomover com facilidade e destreza, mesmo com as dificuldades e dissolver a ideia de que estar no chão significa algo ruim. Aqui também se apresentam algumas dificuldades carregadas de fator emocional como sensação de atolado, pesado, desmerecedor, humilhado, rastejante, mendigo, sujo, inválido, inferior. A transposição de um nível para outro pode gerar recusa, tristeza, irritabilidade, variação de tônus e de equilíbrio corporal e emocional. Aqui a pessoa aprende a transformar o chão em aliado, relaciona-se com o toque e o tocar, com os apoios, com o ar em torno do corpo nos deslocamentos, a harmonizar os gestos transformando a concepção difícil, no prazer de se mover sem os limites da cadeira ou outra órtese, ao se encontrar no chão faz contato com três momentos muito importantes do movimento inteiro que realizou: o caminho até o chão, a cadeira vista e mobilizada de outro modo e o chão funcional.

5. A descoberta dos movimentos do corpo ou o corpo em movimento dançante.

Objetivo: Que a pessoa descubra como aplicar o repertório de movimentos com fluência suficiente para adequar o ritmo corporal ao musical sem perda de qualidade dos gestos, de ritmo, sem precisar seguir modelos. Nessa, como em todas as etapas, a música é associada diretamente aos elementos da dança que desejamos ver trabalhados no cotidiano como: ritmo, postura, equilíbrio, harmonia, coordenação, dentre outros. Através dos inúmeros recursos à sua disposição, o facilitador usa a abstração, as histórias do cotidiano e todos os instrumentos para desabrochar a dança que cada um traz consigo, para solucionar as perdas momentâneas de equilíbrio, para adquirir segurança, organizar o corpo nas direções desejadas, montar e aprontar o corpo para o gesto, multiplicando as possibilidades gestuais e a pessoa vai se tornando cada vez mais audaciosa.

6. Montando os conjuntos de movimento.

Objetivo: Que a pessoa relacione o que adquiriu em outros momentos e seja capaz de elaborar movimentos que traduzam corporalmente os conteúdos aprendidos, através de pequenos conjuntos de movimento até chegar às coreografias. Aqui o indivíduo já enfrentou e venceu muitas dificuldades e cada vez que passa por essa etapa ultrapassa mais um obstáculo. Deve-se evitar conduzir ou controlar a cadeira, antecipar o gesto do indivíduo, criar movimentos para ele, ajeitar as partes de seu corpo enquanto dança, sobressair mais que ele, antecipando ou escondendo sua evolução. A cadeira se torna também um elemento cênico e dançante.

METODOLOGIA E ASPECTOS IMPORTANTES DA APLICAÇÃO

As etapas são em sequência e em cada aula passa-se pelas seis. A experimentação e o progresso dependem de cada indivíduo. As dificuldades são sempre repassadas a cada

encontro. Na retomada a pessoa descobre como progredir; dessa forma acompanha a própria evolução. Os três princípios permeiam e reforçam as aquisições.

O princípio geral é bastante simples: todo mundo precisa se sentir "normal" e nada melhor do que fazer uma atividade onde não há um foco para a eficiência do movimento e sim para "acordar" a expressão guardada em cada corpo, em cada gesto que possa estar encurtado pela sequela. A ideia principal é a de que a linguagem seja facilitada respeitando os limites de cada indivíduo, os elementos da dança e da vida são adicionados como facilitadores, temperando as aulas. Então, ao mesmo tempo em que o ritmo musical é trabalhado, também são observados o ritmo da vida, a rotina de cada um no dia, dos acontecimentos e todas as nuances possíveis. A forma, o equilíbrio, a postura, a coordenação, a destreza, todos os elementos são introduzidos enfocando sua aplicação corporal em situações da vida, de maneira que cada pessoa possa fazer sua ponte de ligação, resgatando a si próprio; para cada dificuldade surge uma solução, o fracasso dá lugar à ideia de que as pessoas se expressam diferentemente uma das outras, na verdade todos são tão iguais e diferentes em cada gesto. Todos os movimentos são acolhidos e celebrados. A forma que cada um se expressa não é cobrada de maneira uniforme, portanto "dizer" com o corpo sobre uma flor que desabrocha torna-se uma interpretação absolutamente individual e não menos bela e prazerosa. Então, ao mesmo tempo em que o ritmo musical é trabalhado, também é observado o ritmo da vida, a rotina de cada um no dia, dos acontecimentos e as etapas são todas trabalhadas numa só aula e, no ritmo de cada um, elas são repassadas a cada nova aula de forma diferente de propor, de sentir, de responder. Cada pessoa se descobre passando por cada elemento, percebendo, vivenciando, elaborando dentro do corpo suas próprias respostas. O resultado é sempre o movimento, é a dança que todos têm dentro de si e que às vezes guardam consigo outros domínios da comunicação pelo gesto. O que pode parecer tão simples de se fazer ou compreender quando todos os músculos funcionam, fica muitas vezes complicado para quem não os tem, desde pegar um lápis que caiu no chão até um gesto mais refinado, quando uma pessoa descobre uma forma harmônica e própria de realizar esses gestos, é uma conquista preciosa.

São praticamente infinitas as formas de facilitar a pessoas transitarem por cada um dos três princípios básicos, acessar as seis etapas e passar por cada uma, a cada aula, no tempo adequado ao seu sentimento, movimento e percepção, dessa forma os recursos empregados vão ser ainda mais variáveis na medida em que cada pessoa se entregue à magia de descobrir e se encantar com cada gesto que conquista.

Dynamics of expression: a reflection on the movement in different body

Abstract – Dance is the result of the person's need for expression and binds to what is basic in human nature as feelings, desires, realities, dreams, traumas. Let's talk, however, the language of movement when it can enable the

disabled person in the resumption of its range of sensations, of dance as a facilitator of the perception that the individual is part finally - or again - to a society. Proposal would be a paradox? If we close eyes and visualize a person in a wheelchair and moving. The picture that emerges is of someone sitting and another person behind pushing. Let's take the focus directly to the common desire to return to a standing position as the ideal solution for those who do not walk on their own feet if we are to refer to the theory of evolution, we conclude that effortlessly upright has been hard won over millions of years to be easily changed by the sitting position and do not think twice, until the deficiency may be responsible for the difficulty of enjoyment of the person. The movement seems to be antagonistic in the presence of a lesion, and perhaps why, imagine someone in a wheelchair on stage, dancing, is so difficult. The work with the dance and its elements transforms the scene and the image that the stigma of disability printed over the centuries. In Brazil, drew the last census a population of 14% as having a disability. Now, if an injury "confiscates" the movement of muscles and joints of a small or large part of the body, will not be difficult to calculate the set that "animates" the body of this population. Let us add to these data the most banal architectural barriers encountered everywhere. There is an "emotional paralysis" and it is much more striking than the motor difficulty imposed by any injury. A retrospective assessment of the evolution of 25 years of implementation of the dance movement with people with disabilities in Brazil shows us bodies - why not say - more healthy, determined, courageous, exposed to tropical heat available to the movement of life, the looks from top to bottom. It seems that the vocation danceable Brazilian people did not surrender to the paralysis that the stigma of disability imposes. The dance and its elements become access bridges, whose widths, heights, lengths and conditions shall be determined by those transitioning them. The passport to the desired movement is the gesture itself. Until April 1988, in Brazil, there were still no academic records on the dance work in a wheelchair. It is a great exercise to discover what makes us similar is precisely our differences. More than perform for an audience it is to climb on the stage of life, be in control of the body itself and give yourself the pleasure to see and feel for movement within or outside a theater, acting in life real.

Keywords: Elements of dance. Disability. Rehabilitation. Balance. Social inclusion.